

EXAME NACIONAL DO ENSINO SECUNDÁRIO

12.º Ano de Escolaridade (Decreto-Lei n.º 286/89, de 29 de Agosto)

Cursos Gerais — Agrupamentos 3 e 4

Duração da prova: 120 minutos
20011.ª FASE
1.ª CHAMADA

PROVA ESCRITA DE FILOSOFIA

COTAÇÕES E CRITÉRIOS DE CLASSIFICAÇÃO

A INDICAÇÃO DO NÚMERO DE LINHAS/PALAVRAS VISA APENAS ORIENTAR O ALUNO RELATIVAMENTE AO GRAU DE DESENVOLVIMENTO DA RESPOSTA, PELO QUE NÃO SE PROPÕE QUALQUER PENALIZAÇÃO PARA O NÃO CUMPRIMENTO DESSA INDICAÇÃO.

GRUPO I

Questões 1. e 2.

CRITÉRIOS	PONTUAÇÃO
Rigor da análise do excerto apresentado	10 pontos
Coerência lógica da resposta	7 pontos
Utilização precisa da terminologia filosófica	4 pontos
Correcção da expressão escrita	4 pontos
TOTAL	25 pontos
TOTAL das Questões 1. e 2. (2 × 25) =	50 pontos

- A **inadequação** da resposta à questão formulada implica uma pontuação de 0 (zero) pontos.
- A **mera transcrição** de frases do texto implica uma pontuação de 0 (zero) pontos.

Questão 3.

CRITÉRIOS	PONTUAÇÃO
Adequação dos conhecimentos mobilizados	35 pontos
Coerência lógica da resposta	15 pontos
Utilização precisa da terminologia filosófica	10 pontos
Correcção da expressão escrita	10 pontos
TOTAL da Questão 3. (1 × 70) =	70 pontos
TOTAL DO GRUPO I	120 pontos

- A **inadequação** da resposta à questão formulada implica uma pontuação de 0 (zero) pontos.
- Se a resposta **não manifestar** conhecimento da obra, a pontuação será de 0 (zero) pontos.

V.S.F.F.

114/C/1

Tópicos de conteúdo:

O MESTRE, Santo Agostinho

1. As palavras não revelam o íntimo de quem fala – conhecedor e ignorante usam as mesmas palavras a respeito de um certo tema.
As palavras podem encobrir o íntimo de quem fala – mentirosos e enganadores.
Existência de um desfasamento entre as palavras que se proferem e as coisas em que se pensa.
Ambiguidade das palavras.
2. Quem pode intuir as coisas pela mente é:
 - discípulo da verdade;
 - juiz de quem fala, juiz da locução.Quem não pode intuir as coisas pela mente:
 - nada fica a saber a partir das palavras;
 - acredita, por uma questão de utilidade.
3. As palavras não servem para ensinar – não têm poder de ostensão, apenas advertem.
O conhecimento é prévio ao reconhecimento do sentido das palavras.
Só o mestre interior pode dar a conhecer a verdade.

PROSLOGION, Santo Anselmo

1. Dificuldade em entender como a misericórdia divina não está separada da sua justiça.
Necessidade de acreditar que aquilo que provém da bondade não se opõe à justiça, antes se harmoniza com ela.
2. Deus não seria justo se apenas retribuísse e não perdoasse – se apenas fizesse bons de não-bons e não, também, de maus.
É justo perdoar aos maus e fazê-los bons.
3. Dificuldade de intelecção dos atributos de Deus.
Finitude do intelecto humano.

O SER E A ESSÊNCIA, São Tomás de Aquino

1. Consequências da identidade entre essência e existência:
 - não estar compreendida em nenhuma categoria;
 - nenhuma adição poder ser feita à existência de Deus;
 - não incluir no seu conceito qualquer exclusão de adição;
 - constituir uma existência distinta de qualquer outra (pela sua simplicidade).
2. Deus possui todas as perfeições que se encontram em todas as categorias, de maneira mais excelente do que qualquer outro ser.
As perfeições e grandezas em Deus são uma só realidade e não incluem diversidade – coadunam-se-lhe, segundo a simplicidade da sua existência. Deus é perfeito «simplesmente».

3. Esclarecimento do modo como a essência está nas substâncias, nos acidentes e nos diferentes seres: corporais e espirituais.
Superioridade de Deus – Princípio Primeiro:
 - infinita simplicidade;
 - coincidência entre existência e essência.

REDUÇÃO DAS CIÊNCIAS À TEOLOGIA, São Boaventura

1. O discurso, em relação a quem o profere, é tradução de um conceito mental – palavra da mente – interior que reveste a forma de voz.
O discurso, em relação ao que se profere, é em si mesmo norma de viver; discurso perfeito implica conveniência, verdade, ornato.
O discurso, em relação ao seu termo, o ouvinte, visa exprimir, instruir e mover.
2. Para que o discurso cumpra a sua finalidade é necessário que:
 - a ideia, a luz da argumentação e a força estejam intrinsecamente unidas à alma;
 - a alma se una ao próprio Deus – instrução da alma no conhecimento de Deus.
3. O conhecimento racional como uma das divisões da iluminação do conhecimento filosófico (interior).
A sabedoria de Deus, transmitida pelas Sagradas Escrituras, está oculta em todo o conhecimento (e em toda a natureza).
As diferentes iluminações – conhecimento inferior, interior e superior – reconduzem-se à luz da Sagrada Escritura – todos os conhecimentos servem a teologia.

PRINCÍPIOS DA FILOSOFIA, R. Descartes

1. Não estamos condenados a errar:
 - se não formarmos juízo algum;
 - se só dermos consentimento ao que conhecermos clara e distintamente.
2. O entendimento concebe, imagina, sente; permite-nos apreender e aperceber as coisas.
A vontade deseja, quer, aceita, nega, duvida; permite-nos dar assentimento ao que o entendimento apresenta.
3. Entendimento e vontade.
Limites do entendimento.
Liberdade e erro.
Causas do erro.

CARTA SOBRE A TOLERÂNCIA, J. Locke

1. Justifica-se que uma religião seja excluída da tolerância quando:
 - defende dogmas contrários à sociedade humana e à conservação da sociedade civil;
 - tem a pretensão de intervir nos assuntos civis do Estado.
2. A conservação da sociedade civil depende:
 - do respeito pela propriedade dos bens materiais;
 - do respeito por outros bens civis: manutenção da paz e do bom nome.

O juízo do género humano condena os dogmas perversos.

V.S.F.F.

114/C/3

3. Separação dos poderes da Igreja dos poderes do Estado.
Funções da Igreja.
Meios aceitáveis para difundir a verdade religiosa.
Consequências da intransigência religiosa.
Tolerância no interior das Igrejas.

DISCURSO DE METAFÍSICA, G. W. Leibniz

1. Conformidade do milagre à lei universal da ordem geral do universo.
Limitação da razão humana à capacidade de compreender apenas a ordem particular da natureza, que o milagre ultrapassa.
2. Cada substância representa o mundo na sua totalidade e é um ponto de vista único sobre o universo.
As substâncias modificam-se por si próprias (segundo o princípio interno das suas perfeições) sem intervenção exterior.
Nas substâncias não há lugar para uma acção extraordinária.
3. Saber e poder infinitos de Deus.
O mundo como o mais perfeito dos mundos possíveis:
– constituído por substâncias individuais cuja noção contém todos os seus predicados, todos os acontecimentos futuros – totalidades monádicas.
Relação entre a ordem natural e o milagre.

FUNDAMENTAÇÃO DA METAFÍSICA DOS COSTUMES, I. Kant

1. Na sua «feliz simplicidade» a razão vulgar detém a sagesa, reconhece o dever.
A inocência não se sabe preservar e deixa-se seduzir.
Os mandamentos do dever e a felicidade opõem-se.
A dialéctica natural ameaça as leis do dever.
2. O interesse justifica-se por motivos práticos e não por necessidade de especulação.
O conhecimento da fonte do princípio da razão, da sua verdadeira determinação em relação às máximas que se baseiam na inclinação e na necessidade é condição para:
– suprimir as dificuldades causadas pela oposição das pretensões;
– não deixar fugir os «puros princípios morais».
3. A importância da filosofia para a *razão prática vulgar*.
Necessidade de uma crítica completa da razão.
Necessidade de fundamentação *a priori* da moralidade.

GRUPO II

CRITÉRIOS	PONTUAÇÃO
Plano prévio – estrutura e adequação	8 pontos
Seleção correcta dos conhecimentos para desenvolver o tema escolhido	20 pontos
Apropriação pessoal dos conhecimentos e apreciação do modo como o tema foi tratado pelo autor, na obra	10 pontos
Coerência lógica da resposta	20 pontos
Utilização precisa da terminologia filosófica	10 pontos
Correcção da expressão escrita	12 pontos
TOTAL	(1 × 80) = 80 pontos
TOTAL DO GRUPO II	80 pontos

- Se o aluno não identificar a obra e não **resultar óbvio** do seu texto a que obra se está a referir, ou se escolher um par obra-tema diferente dos indicados, a pontuação será de 0 (zero) pontos.
- A **inadequação da resposta** à questão implica uma pontuação de 0 (zero) pontos.

Dado o objectivo deste grupo serão de aceitar respostas diversificadas, desde que se reportem a **um dos pares obra-tema indicados na prova** e revelem uma selecção adequada dos conhecimentos da obra e um posicionamento crítico.

V.S.F.F.

114/C/5

Tópicos de conteúdo:

DA NATUREZA, Parménides

TEMA: O uno e o múltiplo

A autêntica realidade – o ser é.

O ser é ingénito e indestrutível, uno, imóvel, imutável e completo.

O não ser não existe.

Nada existe fora da esfera do ser.

A divisibilidade é irracional. A multiplicidade, pura aparência, ilusão, resulta da acção dos sentidos.

GÓRGIAS, Platão

TEMA: Saber e virtude

O saber é sempre verdadeiro, é infalível (ao contrário da retórica).

O filósofo ama o saber (mesmo sem o possuir). A filosofia procura a sabedoria, o bem e a justiça, é autêntica.

A virtude – justiça e temperança – são fonte da verdadeira felicidade.

Indissociabilidade entre o saber e a virtude.

FÉDON, Platão

TEMA: O filósofo

A tarefa do filósofo como treino de «morrer e estar morto»: desprezo pelo sensível e por tudo aquilo a que o senso comum chama «viver»; cuidado da alma, busca do conhecimento e da virtude.

O conhecimento filosófico como libertação e purificação.

O filósofo como o único homem verdadeiramente virtuoso (a verdadeira virtude exige reflexão).

Superioridade do destino da alma do filósofo.

CATEGORIAS, Aristóteles

TEMA: A primazia do indivíduo

A ilusão da autonomia dos universais criada pela linguagem, ao nomeá-los substantivamente.

Os universais não constituem realidades autónomas: são algo comum a muitas coisas (de que são predicados); precisam de uma coisa particular, de um indivíduo (substância primeira) para existirem.

Os indivíduos (substâncias primeiras) são:

– auto-subsistentes; não são ditos de algum sujeito;

– são mais substância do que a espécie.

INTRODUÇÃO À HISTÓRIA DA FILOSOFIA, G. W. F. Hegel

TEMA: A filosofia e o saber

O objecto da filosofia é o infinito, a razão universal em si e para si; é desenvolvimento pensante da Ideia: a Ideia universal, anteriormente mais indeterminada, torna-se mais determinada.

A filosofia como tentativa de mostrar que o verdadeiro, a Ideia, não é uma universalidade vazia, mas um universal que é, em si próprio, o particular, o determinado.

Na filosofia está o pensamento universal, como o conteúdo do que é o ser todo.

A filosofia começa «onde o universal é apreendido como aquilo que é»; o pensar tem de ser para si, vir à existência na sua liberdade, arrancar-se da sujeição do natural e entrar em si, como livre.

A filosofia, como pensar, é resultado – Saber Absoluto.

A filosofia nega o seu ponto de partida – o natural – ao produzir-se; o seu domínio é o do conceito.

TENDÊNCIAS GERAIS DA FILOSOFIA NA SEGUNDA METADE DO SÉCULO XIX,

Antero de Quental

TEMA: Indivíduo e sistema

Constatação de que qualquer sistema metafísico:

– esmaga os seres individuais na sua engrenagem poderosa, funde-os na absoluta unidade do ser-ideia;

– suprime a liberdade – incompatível com a necessidade lógica do desenvolvimento do ser-ideia.

Crítica ao hegelianismo: liberdade da consciência humana, não necessidade da sucessão das civilizações nem do nascimento dos grandes homens, «agentes livres do drama da história».

Incapacidade de explicar, através da necessidade superior dos desenvolvimentos do ser-ideia, o esforço, o sacrifício, a renúncia, os triunfos dos heróis, dos mártires, dos justos e dos bons, assim como o dever e a liberdade.

Crítica às tendências mecanicistas e deterministas das ciências: a determinação da vontade nunca é assimilável à determinação mecânica; tem um fim que está nela mesma.

Os indivíduos são movidos pelo seu princípio pessoal de acção, energia simples, autónoma e espontânea.

A ORIGEM DA TRAGÉDIA, F. Nietzsche

TEMA: Conhecimento e verdade

Distinção entre conhecimento e verdade.

A verdade dá-se numa experiência estética – o êxtase dionisíaco (como fusão de cada indivíduo com o todo da vontade universal).

A insuportabilidade dessa verdade legitima o direito à aparência. Apolo confere à esfera da representação – espaço, tempo, causalidade – a condição de uma ilusão que permite viver.

O socratismo corresponde à conversão da esfera apolínea em objecto de conhecimento imperfeito; Sócrates faz da aparência objecto de conhecimento.

DA CERTEZA, L. Wittgenstein

TEMA: Dúvida e não-dúvida

A não-dúvida é algo que está para além de qualquer justificação – tem a ver com a forma biológica da espécie e com a experiência em sociedade. É «uma forma de viver», «uma coisa animal».

A dúvida implica a sua referência a algo de que não se duvida – a dúvida é posterior à crença.

A dúvida surge no contexto de um jogo de linguagem – só possível se confiarmos em alguma coisa; aquilo de que não se duvida pode ser alterado pelas circunstâncias.

V.S.F.F.

114/C/7

ELOGIO DA FILOSOFIA, M. Merleau-Ponty

TEMA: Filosofia e expressão

Recurso à filosofia de Bergson:

– o movimento interno do bergsonismo como passagem de uma filosofia da impressão para uma filosofia da expressão: Bergson reconhece uma linguagem coagulada, mas também uma palavra viva, igual ao pensamento e sua rival.

A «linguagem fornece à consciência um corpo imaterial onde encarnar».

A filosofia não consiste em opor liberdade e matéria, espírito e corpo: liberdade e espírito, para serem eles mesmos, têm de se exprimir.

A expressão como «efeito retroactivo do verdadeiro»: a expressão postula o ser que ela diz; o que diz do mundo sensível não existe no mundo sensível.

A filosofia nunca está inteiramente no mundo nem fora dele.

A expressão pressupõe alguém que se exprime, uma verdade que se exprime, os outros perante quem é expressa; a possibilidade simultânea destas três condições é o postulado da expressão e da filosofia.

OS PROBLEMAS DA FILOSOFIA, B. Russell

TEMA: Os dados dos sentidos e a existência do real

Os dados dos sentidos são algo de que não se pode duvidar - quer nos forneçam a realidade das coisas ou apenas a sua aparência, é inegável que nos fornecem dados, qualquer que seja o estatuto ontológico desses dados.

A não admissão de algo para além dos dados dos sentidos implica a afirmação do sujeito cognoscente como a única realidade existente.

A insuficiência das tentativas de justificação parece levar a considerar-se que apenas temos a garantia da existência dos nossos dados dos sentidos.

Só temos conhecimento dos objectos físicos da nossa experiência através dos dados dos sentidos e das sensações.

Os sentidos proporcionam diferentes perspectivas do mesmo objecto: não podem permitir uma apreensão imediata da coisa em si, não podem responder à questão de saber qual das perspectivas corresponde ao objecto real.

Conhecemos o objecto através dos dados dos sentidos, mas não o podemos identificar com esses dados que os sentidos nos fornecem.

Não é possível o conhecimento da verdade da coisa: o conhecimento da verdade da coisa que está presente nos dados dos sentidos não é directo nem imediato.

A PROBLEMÁTICA DA SAUDADE, Joaquim de Carvalho

TEMA: A vivência do tempo na saudade

O tempo cria a saudade.

O presente, emotivamente mais pobre do que o passado, é desvalorizado.

A relação entre a consciência e o mundo, no presente, desaparece: a saudade obriga a consciência a fixar-se no passado.

Dos três momentos do tempo, é o passado que tem um papel determinante na saudade.

A forte carga afectiva do passado desperta a sua evocação na consciência e remete-a para essa situação emotiva passada: a consciência torna-se saudosa.

Referência à «saudade do futuro».

DA ESSÊNCIA DA VERDADE, M. Heidegger

TEMA: Liberdade e essência da verdade

A essência da verdade corresponde à desocultação do ente; a verdade não reside originariamente na proposição, não caracteriza a proposição correcta.

A liberdade é um pressuposto exigível para admitir uma verdade (ou não).

Existência de uma conexão essencial entre verdade, como correcção, e liberdade.

A liberdade é deixar-ser, é entrega à desocultação do ente enquanto tal.

A essência da verdade, no sentido de correcção do enunciado, é liberdade.

A liberdade, como essência da verdade, não é uma propriedade do homem (a não-essência da verdade não pode resultar apenas da mera impotência do homem).

A verdade, na sua essência, é liberdade, mas o homem histórico, ao deixar-ser o ente, pode ocultá-lo – aparência.

TEORIA DA INTERPRETAÇÃO, P. Ricoeur

TEMA: Significação e referência

Distinção entre significado do locutor (intenção do falante) e significado da enunciação (o que a frase denota).

Procedimentos gramaticais, ao serviço da auto-referência do discurso ao seu falante, como acesso à intenção do autor (que só pode ser procurada no próprio discurso).

Dialéctica evento-significação. Possibilidade de transmitir o significado no evento do diálogo.

Dialéctica sentido-referência – a radicação ontológica da linguagem.

O diálogo como situação que reduz a diversidade das interpretações, apesar da polissemia e da ambiguidade dos discursos.

Dupla dimensão da significação: do locutor (a subjectividade) e do enunciado (a objectividade).

V.S.F.F.

114/C/9
